

# CAPÍTULO 3

## NUS NA CORTINA DE FERRO (DO CHUVEIRO)

PAULO ENO

Desde a sua fundação em 1982, os *Objectos Perdidos*, enquadrados na vanguarda artística, tiveram e têm como uma das suas directivas nos seus variados espetáculos a inclusão do nu, que incrivelmente na sua quase totalidade provocaram escândalo, o que originou perseguição vária por parte do *establishment*, como nas actuações, entre outras, no *Rock Rendez-Vous* (*Pipocas e Arbeit Macht Frei*), Instituto Franco-português (Festival Música-dita-moderna), Forum Picoas, tudo isto em Lisboa, no Encontro Pan Europeu de cultura em Delfos, Grécia, e em outros locais, tudo na década de 1980.

Dada a multiplicidade de consequências, foi a actuação em 25 de Abril de 1989, em Budapeste, na capital da República Popular da Hungria, em que mais se questionou as diferentes fronteiras na Arte do século XX. A data mais importante da história contemporânea coincidiu com o *show* multimédia integrado no Congresso do Partido Radical Transnacional onde teve os *Objectos Perdidos* como representantes da livre expressão estética, numa homenagem aos Capitães de Abril e ao compositor húngaro de música contemporânea Gyorgy Ligeti.

O Congresso teve a presença de Marco Panella, reconhecido lutador pelos direitos políticos e individuais, de Llona Staller mais conhecida pelo nome de Ciciolina, a mais brilhante actriz *artcore*, além de outras individualidades internacionais, e a presença de dois jornalistas portugueses do Diário de Lisboa e do semanário O Jornal.

Na página anterior:

**Figura 1: Paulo Eno e Banda 77.** Notícia em jornal americano. CBGB, New York – 1999 (Coleção de Paulo Eno)

Ante do início do espectáculo que decorreu no *Fiat-tal Muveszek Klubja* (Clube dos Jovens Artistas) todos pensaram que iriam adorar o *show*, mas no fim a quase totalidade odiou. E qual foi a razão? Os membros dos *Objectos Perdidos* apresentaram-se todos nus desde o início ao fim e durante a *performance* houve introdução de bananas no ânus e na vagina. Logo de seguida os *performers* comeram as mesmas enquanto outro elemento do colectivo tocava piano preparado e depois masturbava-se ficando com esperma na mão.

Corremos todos em direcção ao público que se encontrava na plateia e fizemos uma *collage* corporal. O que se seguiu foi uma debandada quase geral e só teve fim quando uma delegação soviética continuou sentada a contemplar os *performers* conforme o que se havia previamente conceptualizado.

Consequências seguintes: censura dos jornalistas portugueses, que antes estavam muito satisfeitos pois tinham ido fazer análise a um *show* de tributo ao 25 de Abril de 1974, o que não aconteceu, mas antes uma provocação ao estilo *Salô ou 120 dias de Sodoma*, do realizador P.P. Pasolini, no que resultou em cobertura jornalística zero.

No dia seguinte, na sala onde decorria o congresso, fomos proibidos de qualquer intervenção, dado estarmos nus, e só tivemos a solidariedade e compreensão de uma minoria de congressistas, incluindo Llona Staller que publicamente fez uma intervenção brilhante referindo que “o nu é sempre bonito como demonstração pacífica.” Com alguma timidez falámos sensivelmente cinco históricos minutos com ela acerca do seu *VHS* com o título *Mezteln Vacacio*, que ela teve a amabilidade de assinar, e que eu tinha comprado numa videoteca em Buda.

Depois questionamo-la sobre a legalização da prosti-



Figura 2: Banda 77. Tour EUA – 1999. Coleção de Paulo Eno

tuição e de *performances* eróticas, tendo ela respondido que tudo deveria receber sinal positivo a nível oficial com justificações plenamente progressistas e libertárias, o que muito nos horou e alegrou quando se referiu aos *Objectos Perdidos*.

As autoridades oficiais húngaras não se intrometeram na polémica, o que foi revelador que o regime socialista da altura era mais aberto e tolerante que muitas democracias chamadas de “pluralistas”, e também concluímos que até num partido dito radical, as contradições pequeno-burguesas foram bem visíveis e que os enviados da *Tugalândia*, com a categoria de “jornalistas de esquerda”, revelaram uma mentalidade salazarenta.

Estamos em 2022. Até quando 1989?

## **ASSOCIAÇÃO CULTURAL 77 REVOLUTION ROCK-SEX IN USA - UMA TRILOGIA**

### **1. Sex & Sugus & Rock'n'Roll**

Recebi educação em liberdade, em pleno fascismo, do meu pai, ele que foi um preso político às mãos da cri-

minosa PIDE durante três anos. Ele teve desde o início dos anos sessenta a meta de educar os seus filhos para essa importantíssima forma de viver - ser livre. Também em casa dos meus tios usufruí a possibilidade de me iniciar na audição musical com os LP que eles me traziam do Ultramar via África do Sul. No início da década de 1970, tinha eu 12 anos, fui contemplado com um pacote de *Sugus* por ter tido a melhor interpretação de Beethoven numa aula de educação musical, percebi então que tinha iniciado o caminho na música.

Em 1973, no liceu D. João III, ala masculina, Coimbra, fui selvaticamente agredido ao sair de uma sala de aula por colegas de turma por trazer o emblema da CDE (Comissão Democrática Eleitoral) no casaco, e por algumas intervenções políticas e culturais na aula obrigatória de Religião e Moral ministrada pelo Padre Eugénio, bufo da PIDE/DGS.

Com a data mais importante da história contemporânea portuguesa, o maravilhoso 25 de Abril de 1974, tive uma grande participação no PREC o que não me impediu de estar sintonizado e sincronizado com as ainda pouco edições de música em formato LP e *single*. Recorria-se a diversos meios para se conseguir



Figura 3: Espetáculo Pipoca Show. Objectos Perdidos, Rock Rendez-Vous, Lisboa – 1987. Coleção de Paulo Eno

mais música, como por exemplo, importações de vinil.

Quando cheguei a 1977 já tinha uma boa bagagem musical e musicológica, o que me fez participar plenamente no *punk*, tendo criado um dos primeiros grupos em Portugal, os *Curto Circuito*, de Coimbra, ao mesmo tempo que os *Faíscas* e os *Aqui d'El Rock* de Lisboa. Estes últimos lançaram o primeiro *single punk*, *Há que violentar o sistema*.

A nível da audição musical esta fazia-se em casa de cada amigo ou familiar ou ouvindo o revolucionário programa radiofónico de António Sérgio, na Rádio Renascença, “Rotação”. O amor pela música era tanto que ia exercitar a dança na discoteca *Jacques*, na Figueira da Foz, ao som do grande DJ Luisinho “Pink Floyd”. Jamais me esquecerei da aparição de cinco jovens rigorosamente vestidos à *DEVO* que foram propositadamente de Lisboa à dita discoteca. Onde estarão eles??

Nesse ano de 1977 ao ouvir preciosidades do *punk* ficava sempre fascinado por ter alguns LP que mencionavam o *CBGB*, em plena Manhattan! Não imaginava na altura que passados 22 anos, em 1999, iria com a

minha banda *77 Revolution Rock* realizar um épico concerto integrado na nossa *tournee* americana que incluiu uma pequena reportagem num jornal de New York City<sup>1</sup> com o amável título, *The Return of Punk Politics: The Education of Paulo Eno*. No *CBGB* abrimos com a obrigatória composição de John Cage, *3,33 minutes* e finalizámos com a versão de minha autoria do tema *Be Bop A Lula* de Gene Vincent. Durante o concerto de *punk* conceptual, ao som do mais rigoroso *punk* de 1977, houve uma intervenção de três meninas que se encontravam em transe. Uma teve o *feeling* para fazer o seu *happening* agarrando-se a mim enquanto cantava e berrava, levando-me para o centro do espaço. Dando continuidade à “action” levei-a para o palco onde nos deitamos os dois tentando executar algo de sexual, o que incluiu uma aproximação a um 69, mas, entretanto, o *show* terminou e pensei: “Incrível! Como tendo o espírito *punk*, de forma espontânea senti que o sexo era parte integrante do *punk* e do *rock*”<sup>2</sup>.

1 Encontra-se no Youtube para visionamento de quem o desejar *Ibiza Spiderman presents 77 Revolution Rock live at CBGB 4 October 1999*.

2 Vai ser editado neste ano de 2022, em formato LP, todo o *show* no *CBGB*, pela editora *Vorau Records*. Em 1999, foi editado a obra-prima “*77 Revolution Rock*” em CD, pela editora *Elevator Music*, de New Haven, EUA.



Figura 2: Banda 77. Tour EUA, Providence– 1999. Coleção de Paulo Eno

## 2. Concerto no *Ottobar*, Baltimore, 13 de Outubro

O programa incluiu na primeira parte a banda americana *Demolition Doll Rods*, mas antes fiquei perplexo quando entrou um sujeito com uma *t-shirt* que tinha estampada a cara de G.G.Allin e o nome do mesmo. Aquilo que vi perturbou-me, pois o *manager* decidiu publicitar-me desde o princípio em solo americano como o G.G. Allin intelectual, e dado que através do estudo de um vídeo eu analisei o citado vocalista e *performer* não encontrei qualquer semelhança entre nós, pelo que senti algum receio.

A entrada em palco dos *Demolition Doll Rods* fez com que a minha visão ficasse apuradíssima, uma vez que a vocalista e guitarrista Margaret entrou praticamente nua no palco: um par de botas até ao joelho, um bikini fio dental, umas estrelas nos mamilos, tudo num esbelto corpo de 1,80 de altura, para não falar dos lábios grossos e sensuais e dos longos cabelos loiros.

Desenvolveu-se um óptimo espectáculo de puro *rock'n'roll*, mas quando o concerto se aproximava do fim, Margaret resolveu convidar alguém da assistência para cantar em duo. De imediato subi para o palco e

inicie a minha performance que finalizou de forma brusca, dado que me encontrava com a cabeça junto ao seu fio dental. Ela não gostou disso e manifestou-o. Conclui, então, que o *rock* puro e duro também tinha limites, infelizmente para mim.

Os meus *77 Revolution Rock* iniciaram de seguida o *show*, mas acompanhado de uma enérgica carga de porrada contra mim por perto de uma dezena de miúdas, não sabendo eu a razão de tal atitude, mas no fim tudo acabou em paz, incluindo o tal sujeito fã de G.G. Allin.

Já sem espectadores, Margaret ofereceu-me um CD e encostou-me à parede com tal força que fiquei sem perceber se aquilo era um rápido início de sexo. Porém, uns segundos depois percebi tudo e mais alguma coisa.

Alguns elementos dos *77* deslocaram-se a um *strip-tease club*, como era seu hábito, enquanto eu e o Kaló fomos para o bar do recinto. O dono ressonava pelo que o Kaló se serviu à vontade das bebidas alcoólicas e eu fui bebendo os meus suminhos de frutas, dando por terminada mais uma noite de *punk rock*.



**Figura 3: Paulo Enó em New York** a brincar à estátua da liberdade, antes dos seus 4,33 minutos, composição de de J. Cage – 1999. Coleção de Paulo Enó

### 3. A gentil tradutora

Para finalizar esta trilogia escolhi o concerto realizado no *Tunne Inn*, em New Haven, no dia 15 de Outubro de 1999, que teve como início uma performance intitulada *Warhol USA* que os meus 77 consolidaram com uma prestação de *punk avant garde*.

A cereja no topo do bolo aconteceu quando a tradutora que pertencia à organização dos espectáculos me convidou para ir ao seu apartamento, o que de imediato aceitei porque precisava de tomar um banho e relaxar depois de tanto suor conjugado com o fedor a tabaco e cerveja.

Mais tarde, já no seu *bunker*, ela entregou-me amigavelmente uma toalha e um roupão, tudo muito higiénico e a cheirar muito bem. Escutei surpreso o primeiro trabalho musical das *Raincoats*, *Odyshape*, que havia analisado em Coimbra, em 1981. Estava assim criado o ambiente para lhe pedir um grande copo de leite acompanhado por torradas. A seguir a este lanchinho improvisado ela levou-me para o seu quarto onde nos deitámos numa enorme cama à americana. Muito lestamente coloquei dois preservativos debaixo

da cama, caso fosse necessário.

Mal se apagaram as luzes, os nossos corpos tocaram-se de uma forma tão rápida que nem tempo tive para colocar um “dito-cujo”. Por fim adormecemos. De manhã, depois de acordarmos fomos a um *diner* onde comi umas panquecas de coco e bebi um sumo de laranja natural. Ela teve a cortesia de pagar tudo e depois deixou-me junto aos outros elementos do grupo. Ponto final. Obrigado *punk rock!*

### **IBIZA SPIDERMAN DANÇA NO ESPAÇO**

Ibiza é o melhor local do planeta Terra desde que em 2001 aí aterrei e logo no segundo dia fui contratado pelo meu primeiro *manager*, Sir Chris Brown, que me ofereceu uma felicidade sempre presente e permanente. Ao contrário do que se podia pensar não vou referir as múltiplas namoradas ligadas a variadíssimas histórias, nem a minha *performance* durante 18 anos consecutivos na Ilha Branca, ou representando-a fora dela, e que foi interrompida devido ao Covid 19.

Como é óbvio o respeito pela diferença de cada um,

# IBIZA SPIDERMAN

BORA - BORA



a incrível beleza das mulheres provenientes dos mais diferentes sítios do mundo, a paz de espírito, a música, o mar, o amor e a harmonia em tão esbelta ilha, bem como o seu cheiro único levam uma pessoa a um orgasmo diário.

Selecionei entre as dezenas de histórias vividas e sentidas, mas demasiado óbvias, uma que presumo ninguém ter tido. Em pleno Agosto de 2004 fui convidado para realizar a minha *performance dance* no ar, dentro de um avião, não sabendo a sensação que me iria proporcionar e que passo a descrever. No aeroporto de Ibiza esperavam inúmeras pessoas que tinham comprado bilhete especial para entrar no avião fretado pela organização e usufruir de um momento festivo. O avião iria para Paris e depois retornaria a Ibiza sendo a festa feita em pleno voo.

O *staff* era constituído por um famoso DJ, por mim, por duas bailarinas, por meninas vestidas de colegial e que iriam servir as bebidas aos viajantes, dois pilotos e uma hospedeira de voo. Não me lembro do custo do bilhete, mas de certeza que seria muito caro. Participar nesta festa aérea seria um grande investimento porque era algo salutar, a começar pela gastronomia que era composta por marisco variado o que incluía as minhas queridas ostras. Havia ainda caviar, água Perrier e uma parafernália de bebidas alcoólicas, tal como havia pó branco que foi intensamente consumido pelos passageiros e provocando uma constante correria ao WC do avião.

A nível da dança, algumas vezes caíamos uns em cima dos outros devido à turbulência aérea, mas o que mais

apreciei foi a atitude de uma das “colegiais” que gritando o habitual grito “Spideyyyy!” esteve durante uns quinze minutos de fama à *Warhol* no último lugar do avião numa intimidade absoluta comigo, até que tudo se materializou num orgasmo com cheiro a Chanel e ao meu corpo.

No regresso a Ibiza, quando o avião aterrou no aeroporto, estivemos cerca de meia hora dentro a fim de se efectuar a limpeza total no seu interior para não se deixar o mínimo vestígio de alguma substância proibida, e também para demonstrar aos trabalhadores que subiram ao avião que tudo o que acontecera ali dentro era perfeitamente normal.

E com esta descrição completa-se o mito real que em Ibiza tudo é permitido. Ou quase... Fui transportado para o céu, fora de qualquer controle. Cá fora, dei um salto e junto a uma das limousines que nos esperavam gritei o habitual: *DANCE OR DIE WITH IBIZA SPIDERMAN! SPIDEY AND BE HAPPY!*

(O autor escreve em português anterior ao recente acordo ortográfico.)

Na página anterior:

**Figura 4: Paulo Eno.** Postal publicitário de *Ibiza Spiderman*.  
Coleção de Paulo Eno

**ISCTE**  
**S ÁB. 23**

(AV. FORÇAS ARMADAS)

21h30m

ROUPA:  
CRAQUELÉ  
TRIDIMENSIONAL  
ANA TERESA

MÚSICA AO VIVO:  
A Jovem Guarda  
Pop dell'Arte  
Essa Entente  
Le Terme  
Cannibal  
Roses

PINTURAS:  
Gil Ludwice  
Maria Joô  
Ondina Pires



Figura 1: Pop Dell'Arte. Concerto ISCTE - 1985.  
Coleção de Ondina Pires



Figura 2: Pop Dell'Arte. Concerto ISCTE - 1985.  
Coleção de Ondina Pires



Figura 3: Ezra Pound e a Loucura ao vivo no ISE. Fotógrafo desconhecido - 1984. Coleção de Ondina Pires